

O COMUNISTA

ORGÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUEZ (S. P. I. C.)

Numero avulso 20 centavos

PROPRIEDADE DO
GRUPO EDITOR "O COMUNISTA"



Redactor principal: J. CARLOS RATES

EDITOR: JOSÉ RODRIGUES

Redacção e Administração
RUA DO CONDE DAS ALTAS, 51 r/o

Composição e Impressão
TRAVESSA DA AGUA DE FLOR, 36 - LISBOA

PARA A HISTORIA

A TENTATIVA DE 10 DE DEZEMBRO

Comunistas e radicais. — Ameaças de ditadura. — A atitude do proletariado

Toda a gente o sabe.

Os radicais republicanos com a cooperação de muitos comunistas tentaram um golpe de mão em Lisboa no dia 10 de Dezembro, com o sentido, evidentemente, de se apoderarem do governo e de dirigirem os destinos do país.

O que querem os republicanos radicais? A execução do seu programa? Dizem-nos que não. O programa da Revolução, informam-nos também, foi improvisado de momento porque, é bom saber-se, na Revolução, participavam ainda creaturas estranhas aos partidos, que impunham determinados objectivos e condições. O programa era pois um conjunto de reivindicações das diferentes correntes de opinião interessadas no triunfo do movimento.

Como o Partido Comunista Português não tinha oficialmente sido ouvido nem achado para a conjura, nada podíamos nem tínhamos a propor. Sabedores do que se ia passar, e como agrupamento revolucionário, demos a todos os nossos camaradas filiados a liberdade de acção indispensável para participarem no movimento, com a condição de nos informarem da marcha e designios dos iniciadores da conjura.

A democracia não tem possibilidade de salvar-se

As informações colhidas eram pouco precisas. Vagamente se falava na socialização das fábricas e em medidas tendentes a estabelecer a divisa cambial e a embaretecer a vida. De resto, como sempre, muita promessa de moralização na administração pública e de iniciar vida nova.

Nós acreditamos que criaturas como Justiniano Esteves e Santos Monteiro — falamos apenas destes nomes porque eles se apresentaram em publico assumindo as responsabilidades da direcção do movimento — e sejam sinceramente convencidos da possibilidade de salvar ainda a Republica burguesa, a democracia classica dos direitos do Homem e do Cidadão.

Todavia, para nós, uma Republica tal, ainda que bezuntada de radicalismo, nada resolve. Podem os seus dirigentes ser as criaturas melhor intencionadas deste mundo, e até competentes, mas a situação é de tal maneira grave, a crise é tão profunda, que qualquer remedio, contido dentro dos moldes burgueses e democraticos, não é mais do que um prolongamento artificial da vida deste agonizante que é o Estado burguez e democratico. Tudo é vão para salvar o enfermo que extorcionista. Só não vêem isto, ou os pobres de espirito, ou os que tem interesses a defender dentro do actual sistema ou as criaturas dum excessivo otimismo como os srs. Justiniano Esteves, Santos Monteiro e João Manuel de Carvalho. O urso não raciona só porque lhe vistam uma camisa e um fraque.

Estabelecer a divisa cambial e embaretecer a vida? E' prometer o impossível. Os radicais republicanos correm atraz de miragens enganadoras. A crise actual não se resolve com as meias medidas, com os processos já experimentados. Como o absolu-

tismo e o feudalismo, nos fins do século XVIII, o liberalismo economico e a sua irmã gêmea, a democracia, tem hoje os seus dias contados.

A impotencia dos remedios democraticos

O Afonso Costa não é burro e sorri-lhe a esperança de salvar o doente. Vem cá, tomou-lhe o pulso, abanou a cabeça num ar de desalento e foi-se, com o luto no coração.

O Antonio Maria da Silva não é burro e dispõe duma tenacidade e duma manha politica invulgares. Ele tentou tudo — os empréstimos e os impostos novos. E nada conseguiu. Encontrou a libra a 60 escudos e deixou a a 110. A circulação fiduciaria galgou com ele a 1250.000 contos. A gerencia deste ano economico fecha com um deficit que ultrapassará os 600.000 contos.

O Cunha Leal pode ser tudo o que quizerem mas não é burro, é energico e tem a ambição de representar um grande papel na sociedade portugueza. E ele foi impotente para tudo o mais e não ser para fazer baixar o cambio e aumentar a circulação fiduciaria. O Parlamento torpedeou as suas propostas como se oporá a toda a reforma profunda e duradora. O mal é do sistema. E não querem ver a crise da democracia burguesa! Ela está em plena derrocada, aqui como em toda a parte. E' demasiado tarde para impedir a sua dissolução.

E era desta pesada herança que os radicais republicanos queriam tomar conta. Nós apostamos dobrado contra singelo que em 31 de Julho proximo, se encerrar-se o ano economico, a circulação terá atingido os 2 milhões de contos e adus abaixamento do custo da vida. Temos de ir até ao fim: é uma fatalidade historica.

Mas, sendo assim, perguntará o

leitor, porque é que os comunistas embarcaram no bote dos radicais? E' verdade. Embarcámos e tornaremos a embarcar porque, naturalmente, querendo colher as frutas o não podemos fazer com as bragas enlutas.

Já dissemos que o P. C. P. não tinha sido oficialmente convidado a tomar parte no movimento. Era esta precisamente a situação que nos convinha. Ficávamos com as mãos livres para procedermos depois, oficialmente, como entendessemos. Os organizadores da conjura permitiam-se o direito de dispor da acção e das relações proveitosas dos nossos camaradas, numa tal emergência, e nós racionamos como Bonaparte ao levantar o cerco da Mantua para ir ao encontro de Wurmser: — *Ai daquele que tiver calculado mal.*

E assim, no dia 10, tínhamos na tipografia para imprimir e distribuir o seguinte manifesto:

As circunstancias favoraveis aos nossos designios

Em que factores materiais e psicologicos, já creados, confiávamos nós para levarmos a nossa audacia a acobertar a proclamação da Republica Operaria e a querer assumir o pesado encargo de a dirigir?

1.º — A decomposição dos partidos burgueses é extrema. E' uma desagregação profunda e irremediavel. E a melhor prova está ainda nos acontecimentos resultantes da tentativa de 10 de dezembro. O exercito e a marinha estão profundamente desorganizados e indisciplinados. Por outro lado, as forças economicas da burguesia não tem a menos preparação para a resistencia ao assalto revolucionario. Como o exercito, elas entraram a fundo na politica dos partidos. Estão divididas e demoralizadas.

2.º — O povo portuguez, na sua maior parte, é uma massa apatica e indiferente. Quem dominar em Lisboa e Porto, domina o país inteiro. Dezenas de vezes temos constatado isto. A maioria da população é camponesa e a esta dariamos nós, imediatamente, garantias duma melhor situação, entregando-lhe as terras.

3.º — O facto da Revolução triunfante colocaria do nosso lado a organização operaria, hoje subordinada aos anarcos sindicalistas. Os chefes, absolutamente incapazes de enfrentar as soluções immediatas, seriam os primeiros a retirar-se e a submeter-se. A maioria, a quasi totalidade dos militantes, apaixonada pela Revolução, compartilharia conosco os azares da batalha.

Como se vê: nós tínhamos e temos por nós as circunstancias materiais e psicologicas.

Qu ditadura da direita ou ditadura da esquerda

Mas, qual seria o efeito do nosso manifesto?

A audacia faz o triunfo das revoluções. Os exemplos são de todos os dias. E' um ato de audacia que abate Turquinio e o poder dos reis de Roma; é um ato de audacia do povo de Paris que destróe a Bastilha, preludio do aniquilamento do feudalismo e do absolutismo; é um ato de audacia dum comissario naval e de alguns sargentos que faz a Republica em Portugal; é um ato de audacia de alguns revolucionarios e de 70 marinheiros que proclamam a Republica dos Soviets em Petrogrado e que inicia para o mundo inteiro uma nova formula social.

Entretanto, não desejavamos que a fortuna nos ajudasse tão repentinamente. A Comissão Central do Partido Comunista — di-lo com a mais inteira segurança e noção de responsabilidade — sabia muito bem o que havia de fazer e não seria por falta de decretos apropriados o adequados que a Revolução deixaria de seguir o seu curso. O que a Comissão Central não podia garantir se era da certeza, ao seguir da probabilidade, de arranjar de um dia para o outro todos os organismos adequados à execução das suas diretrizes politicas e economicas. O interesse revolucionario impunha-se. Queríamos uma situação semelhante

Ao povo explorado, ao proletariado das fabricas, das oficinas, dos transportes e dos campos

Aos trabalhadores intelectuais, aos pequenos proprietarios rurais e caseiros, aos soldados, sargentos e oficiais subalternos

Proclamemos a Republica dos Operarios, dos Camponeses, dos Trabalhadores Intelectuais e dos Soldados

Mais uma tentativa revolucionaria. Trata-se de mais uma experiencia cujos resultados em nada remediarão a desliza das classes operarias, dos trabalhadores intelectuais, dos camponeses pobres e dos soldados. E' indispensavel que este movimento revolucionario se não detenha nas meias medidas dum governo radical.

A situação politica, economica e financeira é absolutamente insolvel desde que se não queira sair para fora dos quadros do democratismo politico e do liberalismo economico. Instituíamos o Governo dos Operarios e dos Camponeses. Por isso todos os operarios devem procurar armar-se e refer em seu poder as armas; ao triunfo definitivo dos objectivos abaixo definidos, assumindo o corpo directivo do P. C. P. a direcção e chefia do movimento.

E assim, temos, como ponto inicial do programa revolucionario, o armamento do proletariado, aproveitando-se os sargentos, e aqueles dos officiais subalternos que, pelas suas condições de vida material precaria e espirito despojado, voluntariamente se prestem a constituir o Exercito Vermelho. As Comunas serão as celulas de recrutamento deste exercito genuinamente proletariano.

O problema politico e administrativo

Tratando-se dum regime novo que sobremaneira interessa aos produtores do braço e do cerebro, toda a organização existente terá de ser profundamente modificada. Em síntese:

A soberania politica da Republica dos Operarios e dos Camponeses reside nas lojas de produção. Só poderão usufruir direitos politicos os trabalhadores manuais e intelectuais, os camponeses pobres que trabalham a terra, os militares ao serviço do regime. Aos que vivem do trabalho olheio não é permitido o exercicio de quaisquer direitos politicos.

Provisoriamente, até á reunião da assembleia popular dos representantes de produtores por concelhos, a gestão suprema dos negocios publicos será confiada a um Conselho de Commissarios do Povo, com a seguinte distribuição de secções administrativas:

Interior
Justiça e segurança publica
Defesa militar
Economia e finanças
Comercio e abastecimentos
Trabalho e seguro social
Transportes e comunicações
Agricultura
Instrução
Higiene publica
Relações exteriores

São suprimidos imediatamente os logares de governadores civis e administradores do concelho. São constituídas juntas de governo revolucionario por distritos e concelhos, compostas de trabalhadores manuais e intelectuais, camponeses e soldados. Estas juntas são os organismos locais de execução da ditadura do proletariado, acumulando poderes executivos e judicarios.

